

Mestre Aquilino e o caminho de Santiago

Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha
Universidade Católica de Porto

El maestro Aquilino y el camino de Santiago

Resumen: Apenas hay estudios sobre el patrimonio jacobeo portugués. Pero es enorme el poso cultural “de Santiago” custodiado en la memoria popular, desde los antecedentes paganos hasta la intensa peregrinación cristiana. Aquilino Ribeiro (1885-1963), uno de los mayores escritores portugueses del siglo XX, hijo de la cultura rural del interior del país, aunque desde su juventud vivió en el mundo urbano, entonces incipiente, no se olvidó de la riqueza del ambiente que lo vio nacer. De vez en cuando –y en realidad son muchas las ocasiones, pues es difícil contar sus escritos– aparece en sus textos el tema “Santiago”, preguntándose el porqué y el cómo, como hacemos todos y lo harán nuestros hijos, “de esta peregrinación a Compostela que es la vida”. Así escribió Aquilino, en los últimos años de su vida.

Palabras clave: Santiago, San Gonzalo de Amarante, Peregrinación, Compostela, antecedentes paganos, Caminos, Leyendas.

Master Aquilino and the Way of Saint James

Abstract: There are only a few Portuguese Jacobin heritage studies. But the contents “of St James” stored in popular memory are really huge, from the pagan background to the intense Christian pilgrimage. Aquilino Ribeiro (1885-1963) was one of the greatest Portuguese writers of the 20th century; he was a son of the rural culture in the inland. Although practically since his youth he has lived in the urban world that was just beginning, he hasn’t forgotten the wealth of the place where he was born. From time to time – I could say many times, because he wrote so much –the topic “St James” appears, wondering why and how, how we all do it and how will our children do it “in this pilgrimage to Compostela that life is”. Here’s what Aquilino wrote by the end of his life.

Keywords: St James, St Gonçalo of Amarante, Pilgrimage, Compostela, Pagan background, Paths, Legendary.

O mestre Aquilino e o camiño de Santiago

Resumo: Apenas hai estudos sobre o patrimonio xacobeo portugués. Pero é enorme o poso cultural “de Santiago” custodiado na memoria popular, desde los antecedentes pagáns ata a intensa peregrinación cristiá. Aquilino Ribeiro (1885-1963), un dos maiores escritores portugueses do século XX, fillo da cultura rural do interior do país, malia que desde a súa mocidade viviu no mundo urbano, daquela incipiente, non esqueceu a riqueza do ambiente que o viu nacer. De cando en vez —e en realidade son moitas as ocasións, pois é difícil contar os seus escritos— aparece nos seus textos o tema “Santiago”, preguntándose o porqué e o como, como facemos todos e farán os nosos fillos, “desta peregrinación a Compostela que é a vida”. Así escribiu Aquilino, nos últimos anos da súa vida..

Palabras clave: Santiago, San Gonzalo de Amarante, Peregrinación, Compostela, antecedentes pagáns, Camiños, Lendas.

Aquilino Ribeiro (1885-1963) foi um beirão de quatro costados e, mais do que Aisso, um aldeão serrano. Por onde quer que andasse, Paris ou Lisboa, foi sempre um homem da sua terra: a Natureza, os bichos e o Homem, rios, nuvens, montes e árvores, tudo o que desse por *A Criação*, era o assunto dos seus livros. *Abóboras no telhado* (1963), *Aldeia [terra, gente e bichos]* (1964); *Andam faunos pelos bosques* (1926); *Cinco reis de gente* (1948); *O Homem da Nave* (1968); *Quando os lobos uivam* (1958); *Terras do Demo* (1919), etc, etc, etc, são alguns dos seus muitos títulos, em que fundamentalmente abordou a aldeia, a serra, o mundo rural.

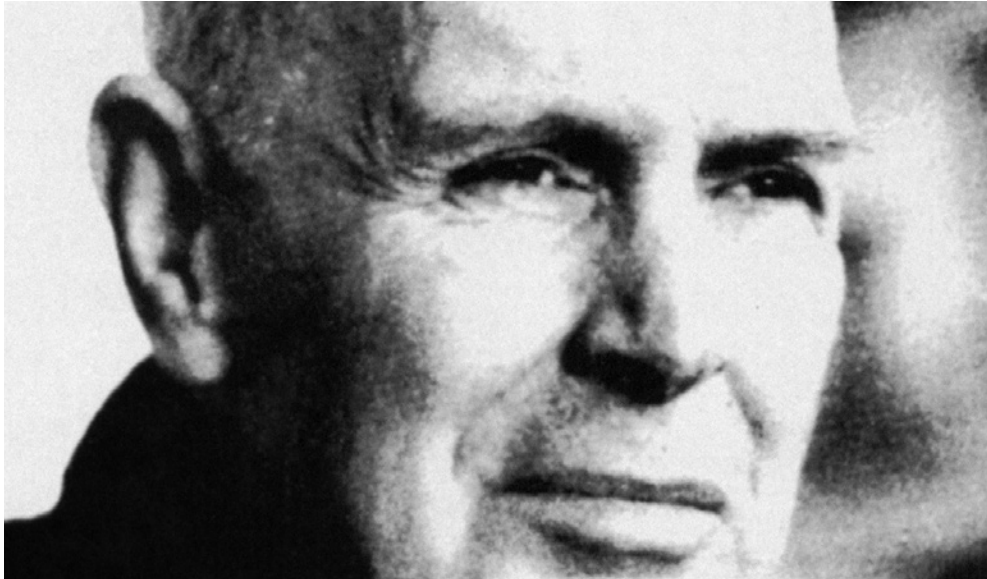
Em 1958, cinco anos antes da morte, na dedicatória de *Quando os lobos uivam* ao Dr. Francisco Pulido Valente, Aquilino escreveu assim:

“Nesta peregrinação a Compostela, que é a vida, esgotou-se-me o bernal de romeiro e a cabacinha, ou está por pouco. A jornada foi [e muitos dos que tinham rompido marcha comigo ficaram no percurso, alma em pena e clamorosa. Alguns, vítimas pela liberdade. Quando teremos nós ensejo de prestar honras fúnebres a esses nobres caminheiros?”¹

De facto, Mestre Aquilino foi um grande caminhante: para a Lapa, para Lamego, por Barreiras (hoje Vila Nova de Paiva) até Viseu, depois para Beja, já estava em Lisboa, fugiu para Paris, casou na Alemanha, subiu ao Minho, a Santiago de Romarigães, daí desceu a Lisboa pelo Cavalinho e por aquela tremenda estrada de Carneiro eivada de quadrilheiros. Conhecia, portanto, de pé posto todos os caminhos das terras e serras da Beira², tudo palmilhou e andarilhou por *Caminhos errados*, utilizando até uma *Via Sinuosa* (19218) ou a *Estrada de Santiago* (1922), numa verdadeira *Geografia sentimental* (1951), *De Meca a Freixo de Espada à Cinta* (1960).

¹ Lisboa: Bertrand, 1958.

² Beira é uma vasta região do território português, situada no interior e entre os rios Douro e Tejo. Subdivide-se depois em duas: a Beira Alta e a Baixa (as duas também ditas Beira Interior). Encostada à Beira Alta e ao mar, há ainda a Beira Litoral. O sudoeste desta vasta região divide-se em Ribatejo e Estremadura.



Aquilino Ribeiro (1885-1963), um dos maiores escritores portugueses do século XX.

Santiago e Aquilino

Assim sendo, Aquilino Ribeiro tinha necessariamente de se referir aos Caminhos de Santiago.

Fê-lo muitas vezes, saliento desde já. E isto num tempo em que a peregrinação a Santiago de Compostela, na prática, já só existia nos recônditos da memória popular. O século XIX — perdoe-se-me o dislate — já quase não viu peregrinos. “O abismo cavado entre a religião e o espírito dos tempos modernos”, a “luta contra o catolicismo armado na sua couraça”³, a secularização que começava a processar-se, bem como as guerras e hecatombes financeiras da primeira metade do séc. XX, tinham feito da peregrinação compostelana algo de perdido no longínquo do tempo, de que quase só a lenda guardava notícia.

Em tempo anterior, no entanto, tinham sido tantos e tantos os peregrinos jacobeus a palmilhar as terras da Beira, de Viseu a Trancoso, atravessando a Estrela e mais acima o Douro, vindos da longínqua Via da Prata ou das terras de Além Tejo, parando aqui e ali nas igrejas e ermidas de invocação jacobea, por caminhos de pé posto ou pelas estradas de feitura romana que conservavam ainda seu calcetamento ou traçado, atravessando pontes e poldras, buscando albergarias e hospícios onde dormir ao abrigo de chuvas e relentos! Por falar em hospital, lembro aquele cuja inscrição Mestre Aquilino recorda nas suas *Arcas Encoiradas* (1962): “*peregrino, vinde ao sprital de Reigoso q*

3 *Estrada de Santiago*, Lisboa: Bertrand, 1956, p. 29.

lá vos darey casa, cama, agua, fogo, azeyte e sal — pregoava o grande monólito quadrado, de granito negro, trazido em 1951 de um caminho velho de Oliveira de Frades⁴.

Aquilino conheceu certamente muitos lugares de culto de Santiago, abundantíssimos na sua Beira natal, embora apenas cite um, Caria, povoação ligada à lenda da passagem por território português de S. Francisco, que pode ter algum fundo de verdade. Recorde-se que, em Caria se cruzaram as duas devoções: na quinta dos Passos ou de Paçô foi edificado, em 1446, um Convento do Terceiros Regulares de S. Francisco e, no lugar de Vila Chã, ainda hoje pode ver-se uma ermida de Santiago. Por ali se entroncavam alguns caminhos antigos, romanos mesmo, utilizados na peregrinação, na demanda do rio Douro, a atravessar nomeadamente na barca da Régua ou em qualquer outra das povoações adjacentes.

Para além de Caria, como lugar jacobeu, Aquilino refere só a minhota freguesia de Santiago de Romarigães, onde existe também uma capela de invocação jacobea⁵, e, portanto, donde se não estranha que D. Joaninha, “alma exaustada ao serviço de Deus”, casada com o morgado de Romarigães que era também familiar do Santo Ofício, tivesse peregrinado a Compostela⁶.

Mestre Aquilino em nenhuma página se refere a igrejas ou ermidas de culto jacobeu. Mas o que, *in genere*, diz de “santuários, igrejas e ermidas” pode aplicar-se-lhes exactamente:

“Santuários, igrejas e ermidas enxameiam pela terra beiroa, mas sem cunho especial. A arquitectura é modesta e primitiva. A capela dos montes consta dum cubo branco com duas lunetas à frente para se espreitar o santinho, e uma fresta alta e estreita que ilumina o interior. Sobre a cumeada, de escanção-perna, a sineira de duas ventanas. De longe, tem o seu quê de pomba empoleirada; se lhe dá o sol, com o revérbero, de pomba que esvoaça. Até onde alveja, exerce doce missão pacificadora. Deviam ser assim cândidos e despreconcebidos os Larários de Adónis pelos oiteiros da Grécia.

O tipo de igreja beiroa era o românico. Mal avisados, párocos e mesários deitaram abaixo suas fábricas atarracadas e ergueram em lugar delas o templo-telheiro. Salvou-se da catástrofe a talha, porque reluzia.”⁷

E ainda:

Os templos da Beira, desde a Sé catedral à ermidinha dos montes, são lugares de brancor, gizadas para almas sedentas de claridade, regada de sol como as eiras.⁸

4 *Arcas encoiradas*, Lisboa: Bertrand, 1974, p. 162.

5 *A Casa Grande de Romarigães*, Lisboa: Bertrand, 1999, p. 289.

6 *Ibid.*, p. 103.

7 *Arcas encoiradas*, p. 132.

8 *Ibid.*, p. 120.

Com tantos lugares de culto jacobeu por estas *Terras do Demo* (1919), com tantos trilhos palmilhados por peregrinos em tempos idos, como podia Aquilino passar ao lado da peregrinação a Santiago de Compostela?

Desde logo esta cena de *Uma luz ao longe* (1969) em que “o Sr. Pe Santos, religioso franciscano, ... um homem plenamente afável e meigo, senhor duma voz doce, quase melódica, que nos instruía com graciosa bondade das verdades transcendentess”, par-lava assim com o Gasco, um miúdo do Colégio da Lapa:

“— A Via Láctea foi o caminho que S. Tiago tomou quando entrou no Paraíso, não foi Senhor Pe Santos? — disse o Gasco acompanhando o gazeio com um sorriso que lhe franzia os lábios delgados, cheio de meiga e grácil timidez.

— Meteu por ela S. Tiago — disse o frade — mas antes, segundo Ovídio, já metiam os imortais quando se dirigiam à morada do senhor dos Trovões. A lenda cristã enxertou-se no mito...”⁹

Portanto, Aquilino não ignorava que a peregrinação cristã a Compostela tinha antecedentes pagãos, o que ainda hoje mete medo a muita gente. Porque, de facto, muito antes de ser cristã, há muito já que era peregrinação. Deixaram-no perceber alguns poetas gregos, haveriam de escrevê-lo os romanos Cícero (106-43 aC) e Ovídio (43aC-17/18 dC), e mais tarde alguns outros conhecidos quase do nosso tempo, os Padres Raphael Bluteau (1638-1734)¹¹ e António Vieira (1608-1697):

“no céu há um caminho claro e manifesto, ao qual, pela brancura, tomando o nome de leite, chamaram Via Láctea, ... esta é a estrada por onde os habitantes do céu sobem aos altos palácios do grande Tonante: isto é, gentilmente de Júpiter, e cristãmente de Deus”¹².

Aquilino conhecia tudo isto. E logo nos conta — em *O Homem da Nave* (1968) — o que era e como se processava a peregrinação:

“... o antigo Guia do peregrino de Santiago de Compostela.

9 *Uma luz ao longe*, Lisboa: Bertrand, 1969, p. 200-201.

10 *Ibid.*, p. 204. Sobre estes “antecedentes da peregrinação, do mesmo autor, pp. 43-61, um culto, u por Almeida, ou ciudad Rodrigo, terpedirse de Hespanha ao Finisterra”, ver CUNHA, Arlindo de Magalhães Ribeiro da — *Santiago em Portugal A devoção e a peregrinação*, Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal, 2001, pp. 43-61, ou, do mesmo autor, “A devoção e a peregrinação jacobeanas em Portugal (II)”, in *Ad Limina*, Vol. IV, pp. 118-121.

11 “Via Láctea”, in *Vocabulário Português e Latino*, 8º Vol., Lisboa Occidental: oficina de Pascoal da Sylva, 1727, pp. 467-468.

12 *Sermões*, Vol IV, Tomo XII, Porto: Lello & Irmão, 1959, p. 403. Permita-se-me transcreva do *Dictionnaire des Symboles* de Chevalier e Gheerbrant (1985, Paris: Laffont / Jupiter, p. 1025): “Dans toutes ... traditions, la voie lactée apparaît comme un lieu de passage, d’origine divine, reliant les ondes divin et terrestre. Aussi est-elle comparée au serpent, au fleuve, à une trace de pas, à une giclée de lait, à une couture, à un arbre. Elle est empruntée pour leur voyage entre les mondes par les âmes et par les oiseaux. Elle symbolise la voie des pèlerins, des explorateurs, des mystiques, d’un lieu à l’autre de la terre, d’un plan à l’autre de la psyché. Elle marque aussi une frontière entre le monde du mouvement et l’immobile éternité”.

Esta espécie de vade-mecum que teve grande voga na Baixa Idade Média, destinava-se aos devotos que, vindos de França e Aragança, iam fazer a romagem que as almas, segundo a fé daqueles tempos, teriam a cumprir por estrito mandato de Deus: *Quem não vai a Santiago em vida vai lá em morto.* (...) O Guia elucidava-os das estradas que deveriam seguir, das estalagens que topavam no itinerário, seu género e qualidade, e dos costumes das gentes com quem lhes seria fortuito ter comércio, das possíveis andanças da jornada e até do meio geográfico e físico das regiões a percorrer. (...) O seu autor falava com coração intemerato nas mãos. Assim, à passagem de determinada comarca rezava: *Cuidado, os habitantes são ladros e nada tementes das contas que hão-de dar a Deus. Junto da ponte X encontrareis uns homens a afiar as facas nas pedras porosas do rio. São samarreiros que esperam tirar a pele dos vossos cavalos. Não os deixeis beber nas fontes.*

De tal estalagem, com tabuleta mirabolante, proclamava: *Nesta pousada há mulheres de estrela e beta, que batem um fandango em cima de um maravedi. Todo o resguardo é pouco com semelhantes huris. O menos que vos pode acontecer é ficar sem a bolsa.*

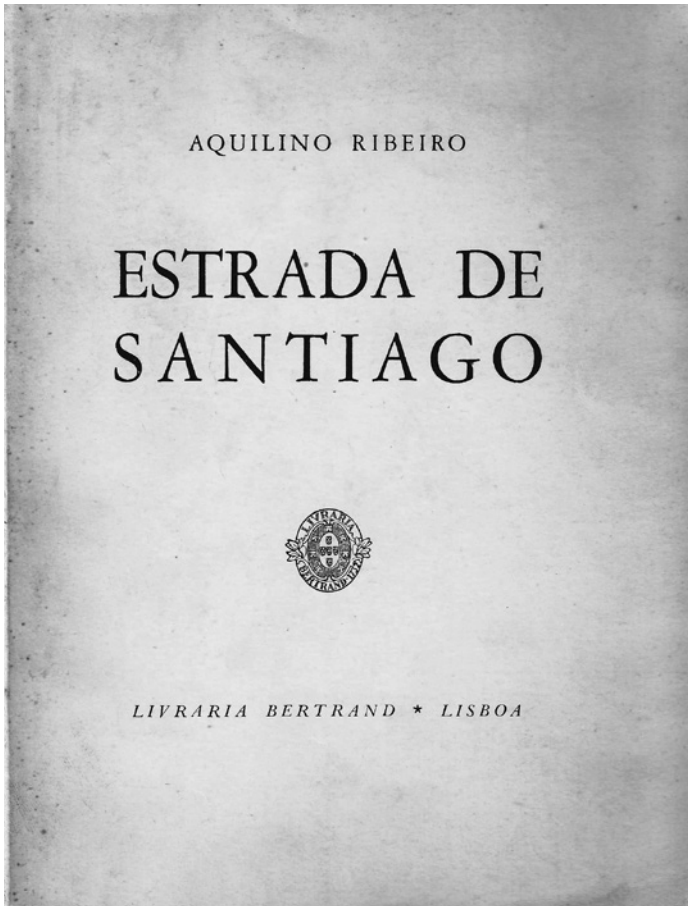
De outra hospedaria vem a advertência salutar: *A cozinha é boa, mas cara como a hora da morte. Se vos demorais, arriscais o couro e a camisa.*

E acerca de uma locanda nos picotos das serranias não falta a nota já proverbial: *Consta que aqui foram despojados de seus haveres, mortos e enterados no quintal, dois almocreves em trânsito. Foi o cão de um deles que foi uivar para cima da sua negregada jazida que aventou o crime.*

De tudo, distâncias, víveres, forragens, lugares célebres ou monumentos a visitar, preços, acidentado da rota, procurava o Guia certificar o viajante.¹³

Claro que é ao *Codex Calixtinus* (ou *Liber Sancti Iacobi*), particularmente ao seu capítulo V, que Aquilino refere esta obra escrita por um clérigo francês, Picaud, entre 1139 e 1173. Ele próprio peregrino de Santiago, registou numa espécie de Baedeker *avant la lettre* — a expressão é do próprio Aquilino —, tudo o que podia interessar ou era necessário ao peregrino saber, das etapas a realizar numa jornada e respectivos lugares de pernoita, aos santuários que mereciam uma visita, recolhendo ainda indicações tão minuciosas e precisas como as que referiam a qualidade da água de cada lugar de passagem, as pontes e outros meios a utilizar na travessia dos rios, e incluindo ainda elementos de um devocionário jacobeu, de canções de peregrinação, etc.

13 O *Homem da nave*, Lisboa: Bertrand, 1968, pp. 118-119.



Livro de contos, publicado em 1956: pela *Estrada de Santiago* e pela *Via Láctea* andam S. Francisco de Assis, El Cid, e “muita [gente] que eu via andando, andando Estrada de Santiago fora”.

Noutra página, é Padre Augusto, o director espiritual, que, acaloradamente, repreende Macário, por causa de uma mulher que lhe andava a perder a cabeça:

“— Não te convido a pegares do bordão e ires de romaria a Santiago de Compostela, nem te quero sobrecarregar com penitências que fazem do cristão boi de nora.”¹⁴

Por onde caminhavam estes andantes jacobeus?

Aquilino não responde directamente à questão. No entanto, conhecendo como ele conhece velhos caminhos “que sulcavam a Beira”, dedica-lhes uma meia dúzia de páginas¹⁵ que, pena tenho eu de não ter tempo para as ler aqui:

“Em regra esses caminhos riscavam a província de lés a lés (...). Neles, em tanto que vias de primeira classe, vinham articular-se os caminhos comarcãos, ao mesmo tempo que ligava a vila à cabeça de correição ou

¹⁴ *O Homem que matou o diabo*, Lisboa: Bertrand, 1972, p. 85.

¹⁵ Estas páginas estão transcritas no final deste texto.

ao santuário célebre e àquelas aldeias que atalhos transversais iam topar encovadas entre serras. Contudo, se alguns davam serventia ao carro de bois e à cadeirinha ou liteira, à parte a travessia pelos povoados, não eram de calçada. Por vezes galgavam o rio em pontes, que são ainda hoje um primor de engenharia. Existe uma, no alto Paiva, (...) era aquela ponte que utilizavam os peregrinos da Beira trasmontana e das províncias do Norte, vindos para a Senhora da Lapa pela rota de Almançor.

Demais destes caminhos secundários, de comércio rudimentar, havia e ainda há uma variadíssima sub-ordem de ramais ... [que] são os mais compridos, mais tropeçantes, mais selvagens, mas decerto os mais pitorescos.”¹⁶

Isto de caminhos, tanto faz ser ao perto como ao longe. Em *O Homem que matou o diabo* (1930), é D. Gonzalo que ensina a Macário, perdido por uma mulher e já acima referido, como fazer para

“... atravessar a Espanha regaladamente [*na demanda da dita mulher francesa*], comendo e bebendo, levado agora na mula do almocreve, logo na carroça do charro, e até talvez de comboio e de automóvel. (...) Em vez de pedir esmola, ... em vez de ir pelos caminhos servindo amo, que é uma estopada de respeito..., arvore-se em penitente. Penitente que vai cumprir um voto, a pé, sem fala e sem cheta. Aonde... aonde há-de ser? Olhe, ao santo Cristo de Limpias que lhe fica a talho de mão, no itinerário para França. ... Hoje é uma das grandes romarias de Espanha. Desbancou Santiago de Compostela, onde *quem não vai em vida vai em morto*.”¹⁷

Esclareça-se que o “Santuário del Santísimo Cristo de la Agoní” está na cantábrica Villa de Limpias, no caminho de Santiago dito do Norte, de França para Compostela.

Voltando ao território nacional, nestas demandas do santuário galego de Compostela, atravessar rios caudalosos era difícil e perigoso. E pontes havia poucas. Aquilino explica:

“As pontes construíram-nas as esmolas dos peregrinos que precisavam, no Inverno, de atravessar os rios de jornada para Santiago, a Senhora da Lapa, a Senhora da Cabeça, e outros santuários famosos.”¹⁸

Aquilino Ribeiro não desconhecia a hipótese, que para alguns é certeza, de que S. Francisco de Assis — “que, ouvi ler num alfarrábio, era um vagabundo dos caminhos”¹⁹ — tinha peregrinado a Compostela atravessando território português:

16 *Arcas encoiradas*, pp. 156 ss.

17 *O Homem que matou o diabo*, pp. 215-216.

18 *Um escritor confessa-se*, Lisboa: Bertrand, 1972, p. 175.

19 “A Grande Dona”, in *Estrada de Santiago*, Lisboa: Bertrand, 1956, p. 285.

“— Neste sítio, Libório, descansou o grande padre S. Francisco de jornada para Compostela. Reza a história que o servo de Deus vinha trilhado do caminho e tinha sede; aqui lhe foi dado matá-la numa fontainha, que não era este chafariz formoso, talhado, mais parece, para os jardins do papa que para cerca de monges. Por certo que o suor lhe caía do rosto e o bebeu a terra onde pisamos. (...) Quando aqui vieres, que a tua mente esteja pura, Libório; este retiro — sabes? S. Francisco de Assis foi Jesus que voltou ao mundo de pobrezinho — é tão inspirado como o Horto das Oliveiras.”²⁰

É assim que Aquilino Ribeiro se refere ao que a lenda construiu à volta da peregrinação de S. Francisco por terras portuguesas. A cena passa-se em Caria, junto às ruínas do velho mosteiro franciscano. O santo de Assis poderia perfeitamente ter seguido por ali acima, a passar o Douro talvez lá para os lados da Régua²¹.

Há uma outra referência de Aquilino Ribeira a esta hipotética passagem de S. Francisco por Caria, desta vez no romance *Lápides Partidas* (1945). Um comerciante de antiguidades ocupava as suas noites a entrar, pela calada, claro!, em velhos mosteiros, conventos e outras casas onde pudesse encontrar coisas de interesse para o seu negócio. Já se tinha visto a contas com a justiça num processo-crime por homicídio frustrado e tentativa de roubo. Nem assim! Uma noite escura, depois de caminharem para S. Francisco [de Caria] diz ele para o Bemposta que o acompanhava:

“— Vês aquela cabana? É dum homenzinho que passa ali a noite em vindo o tempo das melancias. A esta altura do ano está deserta. Vai-te lá deitar. Eu, se me dás licença, deixo-te por algum tempo. Vou, como se fosse em romaria, visitar o tanque onde se sentava meu mestre a dar-me lição de latim, no sítio onde, segundo dizem, se tinha sentado S. Francisco de jornada para Compostela. Ao convento entrarei se me persuadir que posso fazê-lo sem darem conta — porque, bem sabes, não quero ver ninguém — a buscar uns livros de estudo que deixei na Livraria.”²²

20 *A via sinuosa*, Lisboa: Bertrand, 1960, p. 9.

21 Os diversos cronistas que relatam a discutível peregrinação, p.o, 2015 anm Pablo, 2015, p.p. 180-186) ou por Almeida, ou ciudad Rodrigo, terpedirse de Hespanha franciscana a Compostela divergem bastante no seu trajecto: que, vindo S. Francisco de Ciudad Rodrigo, terá entrado em Portugal pela cidade da Guarda ou por Almeida, ou, já depois de ter visitado o túmulo apostólico, terá passado por Chaves e Bragança (ver REDONDO, Valentín – *El viaje de san Francisco a España*, Madrid: San Pablo, 2014, pp. 180-186). Penso que tanta variedade noticiosa apenas pretende fundamentar a antiguidade de alguns conventos. Fr. Manuel da Esperança, o cronista português, faz uma síntese das duas hipóteses principais: “... o santo seráfico, deixando Ciudad Rodrigo, se meteo em Portugal, corria ja o anno de 1214, & he tradição constante que esteve em a cidade da Guarda” e “... tornou a entrar em Portugal por Bragança, caminho de Catalunha, onde queria despedirse de Hespanha. ... [e] lhe ofereceram logo sittio & grande ajuda pera se fazer a casa” (ESPERANÇA, Manuel da – *Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Provincia de Portugal*, Lisboa: officina Craesbeeckiana, 1656, pp. 44 e 48).

22 *Lápides partidas*, Lisboa: Bertrand, 1969, p. 179.

Se Francisco de Assis é lenda, El Cid imaginação:

“Encontrava-se D. Quixote a caminho de Santiago de Compostela por lhe terem dito que toda a alma cristã que não vai lá em vida, vai lá em morte, e porque a estrada dos peregrinos, insolitamente, era a cada passo balizada de crimes inomináveis: romeirinhas violentadas por senhores, impetuosos e contemptores da lei divina e humana, ao atravessar os bosques, passageiros chacinados no sono para os roubarem, envenenamento das águas e dos petiscos nas estalagens. O *Guia dos Peregrinos* é elucidativo: Em Espanha e Galiza livra-te de comer e beber do que te puserem, se não queres morrer ou quando menos ficar combalido para toda a vida. Pareceu-lhe que tal rota, trilhada de santo a ladrão, vindos de todos os cambais da Europa, requeria o socorro do seu justiceiro braço. Ei-lo pois, subindo da Mancha para o reino de Leão, daí, Astorga fora, a caminho de Vilafranca na fronteira galaica, direito por Triacastela para a cidade do Apóstolo.

(...) Sancho não tinha vergonha em pedir e remoer, sempre às espaldas do amo, uma lengalenga que às vezes pegava:

— Ó meus ricos senhores, dêem uma tijelinha de caldo aos romeiros que vão para Santiago! Vimos sem comer desde ontem. Tenham caridade... O Apóstolo os recompensará no céu...

— Onde são? — Somos do cabo do mundo, dum *pueblo* à beira de Cidade Real. Sabem onde é? Vamos a Compostela num grande voto e a alimpar o caminho de ladrões e gigantes. (...)”²³.

Aqui termino as referências de Aquilino Ribeiro à devoção e peregrinação jacobitas, admitindo não as ter detectado todas na obra do Mestre. Seja como for, dizia eu no início que, fazendo a peregrinação — a pagã e a cristã — parte da cultura multi-secular da região beirã, Mestre Aquilino não a podia ignorar, pois se tratava de algo indispensável e integrante de um mundo que ele conheceu como poucos.

São Gonçalo de Amarante

Antes de terminar, não posso passar ao lado de uma outra devoção santoral muito próxima da de Santiago ou nela ensarilhada, pelo menos no Norte de Portugal, a que Aquilino se refere também algumas vezes: São Gonçalo de Amarante.

23 RIBEIRO, Aquilino - *Estrada de Santiago*, Lisboa: Bertrand, 1956, pp. 338-340.

Fazia ele parte da lista dos santos mais populares — “S. Francisco, Santo António, S. Gonçalo, Santo Hilário”, sei lá quantos mais, todos eles “solícitos casamenteiros”, diz o escritor²⁴ —, nunca esquecidos nas rezas da noite:

“— S. Gonçalo nos dê boa companhia para a noite e para o dia, padre nosso... [ave Maria]!”²⁵

S. Gonçalo foi um peregrino e por isso a sua devoção se espalhou também ao longo dos caminhos de Santiago, assunto que não vou agora tratar²⁶. Com o tempo, a sua devoção — que teve o seu auge na Contra-reforma e, depois, nas lutas da restauração da independência de Portugal — corrompeu-se, como aconteceu com tantas outras, e, por muito popular, rapidamente S. Gonçalo se transformou num santo casamenteiro. Aquilino afirma mesmo que ele consagrou “os antigos mitos fálicos”²⁷. “A sensibilidade popular — explicava Agustina Bessa Luís de outra maneira — converteu-o num santo fácil e casamenteiro; nisto veio a dar aquele que, por índole e por carreira, se entregou ao convívio das coisas humanas. (...) o asceta, a par da saudade de morrer, anda constante coma paixão da vida. Amou o mundo por algo que era nostalgia da felicidade. E os homens corresponderam-lhe com gratidão, que é amor por quem se afeiçoia às experiências deles, ainda que sem ilusão e familiaridade. Assim acontece, de facto, com as grandes figuras que calaram na alma popular”²⁸.

Não pensava assim Aquilino Ribeiro, como deixa bem claro no conto *Sam Gonçalo casamenteiro* que publicou no *Jardim das Tormentas* (1961)²⁹.

Não são, porém, estas divergências de pensamento que me impedem de apreciar sumamente a arte de Aquilino, “águia que mudou de piso sem largar o ninho”, a sua Beira Natal — como dele escreveu Fernando Namora — cortada por tantos caminhos de peregrinação a Compostela e marcada por tantos lugares de culto jacobeu.

Termino com uma pergunta. Porque deu Aquilino o título de *Estrada de Santiago* a uma colectânea de contos, publicada em 1ª edição em 1922? A resposta está na dedicatória do livro:

“Muitas vezes, à janela, nas noites de luz baça, quando a terra, em redondo, parece a boca dum cesto enorme, suspenso ao firmamento pelo aro luminoso da Via Láctea, em que tudo soçobra, homens, coisas e loisas, metia a mão no seio a procurar. Achava espinhos, remorsos, uma que outra flor imarcescível, e a gente que aí vai, alguma celestial e sobre-humana, da muita que eu via andando, andando Estrada de Santiago fora.”³⁰

24 *A via sinuosa*, p. 198.

25 *Ibid.*, p. 239.

26 Ver CUNHA, Arlindo de Magalhães Ribeiro da — *São Gonçalo de Amarante, um vulto e um culto*, Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal, 1997

27 *O Arcanjo negro*, Lisboa: Bertrand, 1960, p. 318.

28 LUÍS, Agustina Bessa — *Santo António*, Lisboa: Guimarães Editores, 1973, p. 11-12.

29 Lisboa: Bertrand, 1961, pp. 83-95.

30 *Ibid.*, p. 10-11.

*Apêndice***1. O antigo Guia do peregrino de Santiago de Compostela**

Este primeiro texto de Aquilino Ribeiro, *O antigo Guia do peregrino de Santiago de Compostela*, é transcrito de *O Homem da nave*, 1968, Lisboa: Bertrand, pp. 118-119:

“... o antigo Guia do peregrino de Santiago de Compostela

Esta espécie de vade-mecum que teve grande voga na Baixa Idade Média, destinava-se aos devotos que, vindos de França e Aragança, iam fazer a romagem que as almas, segundo a fé daqueles tempos, teriam a cumprir por estrito mandato de Deus: *Quem não vai a Santiago em vida vai lá em morto*. Príncipes, magnates, ricos-homens, oriundos dos cambais mais remotos da cristandade, tratavam de pôr-se quites com esta obrigação penitencial, de forma que o caminho da Galiza era trilhado como um carreiro de formigas. O Guia elucidava-os das estradas que deveriam seguir, das estalagens que topavam no itinerário, seu género e qualidade, e dos costumes das gentes com quem lhes seria fortuito ter comércio, das possíveis andanças da jornada e até do meio geográfico e físico das regiões a percorrer. Reservado a gente de condição, estava escrito em latim, um latinório expedito e ágil, em que metia dente qualquer escrivão de meias letras.

A característica mais saliente deste Baedeker *avant la lettre* era o espírito de verdade que o norteava. Feito para dirigir almas que iam dealbar-se da ganga terrena, impunha-se que não induzisse ao logro e à mentira. E de facto, o seu autor falava com coração intemerato nas mãos. Assim, à passagem de determinada comarca rezava: *Cuidado, os habitantes são ladros e nada tementes das contas que hão-de dar a Deus. Junto da ponte X encontrareis uns homens a afiar as facas nas pedras porosas do rio. São samarreiros que esperam tirar a pele dos vossos cavalos. Não os deixeis beber nas fontes*.

De tal estalagem, com tabuleta mirabolante, proclamava: *Nesta pousada há mulheres de estrela e beta, que batem um fandango em cima de um maravedi. Todo o resguardo é pouco com semelhantes huris. O menos que vos pode acontecer é ficar sem a bolsa*.

De outra hospedaria vem a advertência salutar: *A cozinha é boa, mas cara como a hora da morte. Se vos demorais, arriscais o couro e a camisa*.

E acerca de uma locanda nos picotos das serranias não falta a nota já proverbial: *Consta que aqui foram despojados de seus haveres, mortos e enterrados no quintal, dois almoceves em trânsito. Foi o cão de um deles que foi uivar para cima da sua negregada jazida que aventou o crime*.

De tudo, distâncias, víveres, forragens, lugares célebres ou monumentos a visitar, preços, acidentado da rota, procurava o Guia certificar o viajante. O mais notável dele, como atrás se diz, é a sinceridade, a lisura e a pontinha de glosa romântica mas obsequiosa dos factos, com que fora redigido.”³¹

31 *O Homem da nave*, pp. 118-119.

2. Velhos caminhos

O longo texto que segue dedica-o Aquilino aos velhos caminhos da Beira em *Arcas encoiradas*, 1974, Lisboa: Bertrand, pp. 156-160 ss.

“Não oferece dúvida que os caminhos de longo curso que sulcavam a Beira e suscitaram nomes pitorescos: *estrada do peixe*, essa que ia de Viseu para Aveiro, *estrada da Rainha Santa*, uma que levava a Arouca, *estrada do rei Herodes*, assim chamada não sei a que título e se dirigia a Noroeste, *estrada dos rebanhos*, que cortava a serra da Estrela, estrada velha, estrada imperial — são as antigas vias militares construídas pelos romanos. Embora não venham mencionadas no códice Antonino, lá estão os marcos miliários com letreiros em latim a atestar a sua origem cesárea. Aos padrões não os encimava, como em Itália, a cabeça de Hermes, deus dos caminhantes, a quem eles se encomendariam ao tempo que liam o rumo e as léguas andadas. Mas, pelos lanços que restam aqui e ali, bem denotam o tipo de construção: sólidas e conjuntas lajes que séculos e séculos de tráfego — carros de bois de maciças rodas chapeadas à sovina, socos de brocha poliédrica e testeiras de ferro, e não se fala na usura natural do tempo — não conseguiram aluir e muito menos gastar. A esses caminhos, destinados à passagem das legiões e a dar vazão aos produtos da terra, o minério, o gado, as madeiras, capítulo que jamais um propretor digno passaria em claro, absorveu-os a estrada nova, de macadame ou de concreto betuminoso, tanto o seu traçado era racional e geométrico. Quando emergem porém de longe em longe, lá porque a engenharia de hoje, com ser mais ousada ou ver-se obrigada a sê-lo, corte a direito carreando aterro, abrindo trincheiras ou lançando o viaduto de ferro ou cimento armado por cima do côncavo, são admiráveis de ver em sua rochosa e dormente eternidade.

Em regra esses caminhos riscavam a província de lés a lés, direitos a Levante, tanto ainda se diz: *todos os caminhos vão dar a Roma* e, em Roma, ao Coliseu, *umbilicus urbis*. A este fim — reza Baptista de Castro — *rompiam por entre penhascos e rochedos, circulavam pelas fráguas de montanhas e vales, atravessavam ribeiros e rios caudalosos por cima de majestosas pontes, procurando sempre nesta obra, verdadeiramente régia e digna da grandeza romana, vencer as dificuldades da aspereza para que os passageiros, em qualquer tempo e a qualquer hora, a é ou a cavalo, pudessem transitar comodamente, achando a jornada mais branda e menos dificultosa.*

Neles, em tanto que vias de primeira classe, vinham articular-se os caminhos comarcãos, ao mesmo tempo que ligava a vila à cabeça de correição ou ao santuário célebre e àquelas aldeias que atalhos transversais iam topar encovadas entre serras. Contudo, se alguns davam serventia ao carro de bois e à cadeirinha ou liteira, à parte a travessia pelos povoados, não eram de calçada. Por vezes galgavam o rio em pontes, que são ainda hoje um primor de engenharia. Existe uma, no alto Paiva, em diagonal com a corrente, formada por um arco de volta abatida estribada em dois menores que envergonha, coisa de um quilómetro a montante, a ponte da estrada nacional que teve de inflectir desastrosamente sobre o curso do rio, com perigo para o automóvel que vá largado, a fim de lhe ficar perpendicular. Era aquela ponte que

utilizavam os peregrinos da Beira trasmontana e das províncias do Norte, vindos para a Senhora da Lapa pela rota de Almançor.

Demais destes caminhos secundários, de comércio rudimentar, havia e ainda há uma variadíssima sub-ordem de ramais com bitola ou sem ela para trânsito dos carros de lavoira, servindo lugarejos, almuinhas, a ermida dum santo, o cacho de povilêus duma freguesia, ou apropriados nada mais que à lida agrária.

São os mais compridos, mais tropeçantes, mais selvagens, mas decerto os mais pitorescos. Às vezes vêm pelo monte fora, mal arregoando a sarna do mato. Outras vezes cavam um leito na terra fundável. Azangam os ribeiros em alpoldras ou ainda em lájeas monolíticas — pontes pedrinhas — quando não é uma fiada de tábuas — pontão — estendidas sobre dois madeiros. Muitos tornam-se intransitáveis de Inverno, mas no Verão, do hortejo e quintal dobram-se sobre eles as fruteiras carregadas de pomos, os vidonhos espaldam seus cordões bêbedos de rácidos, de modo que só não se fartam os pobres que querem ir para o Céu. Separa-os da fazendinha mimosa uma parede aérea como renda. Um caçador encosta-lhe o pé e rui tão grande extensão que podem passar carros e carretas. Por isso chamam portaleira à parte esbarrondada.

O vento não a deita abaixo porque enfia pelos buracos como por um canavial. O muro maciço da azinhaga em argamassa, peculiar ao Sul, ou de crista arredondada à maneira das cercas monásticas, são excepção na Beira. Algumas vezes a vedação limita-se a um silvado em que negrejam tanto as amoras como os melros que as comem. Acontece também debruar em como uma fimbria a cabeceira da mata ou da bouça. Se esta é de giestal, no tempo das maias, os caminhantes, inebriados, não sentem o estirão.

Fora dos povos, o caminho velho corre livre, sem disciplina, com rodeiras às bandas, uma leiva encoirada ao centro, cascalho solto, rolante, e areia dos enxurros nos baixos. Se passa por meio dos soutos e entre moitas, ei-lo que vibra e zumbe como o bordão duma viola. Vai andando e, quando a gente menos se precata, uma cobrinha, que se insinuou nele à sorrelfa, mete-se-nos debaixo dos pés. É o arroio, água de açude, água de mina, água de nora, que se p a cantar a todo o longo a sua cantiguinha de frescor e branquidão. A certa altura empoça, e as libélulas voam e revoam por cima dela, arpejando-lhe com asas rútilas a superfície ondulosa, enquanto uma rã dentre os limos, de quando em quando, berra por um rei.

Estes caminhos, que é o que mais se vê na província além dos penedos, testemunham uma inexpandível lamentável, pois que representam tantas vezes o único meio de correspondência dum povo com outro povo. Em regra, a poucos destes atupiu a estrada nova, se é certo que o sistema rodoviário não abrange 75 % das localidades rurais. São obra ainda do habitante da orca ou do castro, o que equivale a dizer que estão ali desde o princípio do mundo.

Não admira por isso que se empinem umas vezes para remontar o fragão ou cos-teiem em contra-escarpa uma saibreira. Barrancos e desníveis são os seus elementos normais. O cidadão dá ao Diabo tais andanhos, mas em compensação os faunos e

gênios silvestres — e à falta de divindades de pernil felpudo, cornichos e gaitinha de beiços, há os zagais e zagalas que também contam, tão perto estão da natureza — não escolhem outro palco para as empresas de amor. Também é verdade que não é raro uma cruz de homem morto pedir-nos no fundo do vale ou no estrangulamento da canada um P[ai] N[osso] e uma A[vé] M[aria] por alma do nosso pobre irmão a quem roubaram ali a vida.

Outras vezes é o nicho das alminhas do Purgatório, figuradas por torsos nus entre flamechas teatrais, que clamam pela nossa prece refrigerante. Tal é a legenda dos velhos caminhos, veros estuários da vida como são em relação à água os estuários dos rios. Traçou-os o formigueiro humano com seu passo e repasso secular e os rebanhos no vaivém periódico entre a montanha e o Prado. Desdenham da linha recta, como a mais fastidiosa de todas. O homem tinha o tempo por si e dons imperiosos de poeta. Esses caminhos, tão vagabundos como maviolos, hoje não seriam mais possíveis, pois que o nosso entendimento procede segundo outras coordenadas. Mas na Beira essas veredas medievais de feirantes e almocreves, de pé posto, sendas de cabras, atalhos, carreirinhos, para a fonte e para a mata, do poviléu, já antes do castro e mesmo da orca, eram todos assim: saltantes, sumidos e sinuosos como as ruas direitas das velhas cidades pré-afonsinas. Os mais antigos vinham naturalmente dos morros. Dos morros como os riachos. De lá derivou o caudal humano de que a urbe é a represa.”³²

32 *Arcas encoiradas*, pp. 156-160.